

ESCOLA EM COMUNIDADE COM SOCIABILIDADE VIOLENTA: A INSERÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA EDUCAÇÃO PELA GARANTIA DO DIA LETIVO

Alexandra Evangelista de Lima

Escola Municipal Zilda Nunes da Costa, Centro Universitário Unicarioca

<https://orcid.org/0009-0000-4549-5893>

Regina Célia Pereira de Moraes

Centro Universitário Unicarioca; GP-COMDICI/IBICT

<https://orcid.org/0000-0001-6590-9707>

Marcos Antônio Silva

Doutorando em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ); Unicarioca

<https://orcid.org/0000-0002-8547-1359>

Data de Submissão: 15/05/2023

Data de Aprovação: 15/07/2023

RESUMO

Tomando como panorama as comunidades com sociabilidade violenta do município do Rio de Janeiro, a pesquisa descrita neste artigo apresenta os impactos do impedimento dos direitos educacionais garantidos por lei a milhares de escolares inseridos em comunidades com sociabilidade violenta. Impedidas de frequentar aulas presenciais em dias de confronto armado, as crianças veem o seu desenvolvimento curricular paralisado e os seus dias de escola abreviados. Diante desta grave situação, as Novas Tecnologias Digitais assumem um papel preponderante na promoção do Projeto "Desculpe a Violência, Quero Estudar!" que propõe um Modelo de "Plano de Aula de Emergência" e o integra com aulas presenciais e remotas para gerenciar a interação e comunicação entre a escola, professores, alunos e tutores. Para tanto, a E. M. Zilda Nunes da Costa abriu suas portas para o desenvolvimento da Pesquisa Qualitativa (Indutiva), caracterizada por um estudo descritivo, exploratório e etnográfico. As Novas Tecnologias Digitais na Educação geraram um produto que atendeu à demanda exigida pela situação que a Unidade Escolar vivenciava, permitindo que os alunos nos dias em que as aulas presenciais não fossem possíveis continuar desenvolvendo as competências presentes no Currículo. E foi além, aliaram-se ao corpo docente em prol de práticas pedagógicas assertivas tanto para as aulas a distância quanto para as presenciais. A continuação dos estudos sobre o tema da Pesquisa certamente proporrá novos desdobramentos, levantará outras perspectivas, além de pesquisas futuras que contribuirão inexoravelmente para responder às questões relevantes que envolvem a situação de milhares de alunos pertencentes a escolas inseridas em comunidades com sociabilidade violenta.

Palavras-chave: escola pública; sociabilidade violenta; ensino remoto; novas tecnologias digitais.

SCHOOL IN A COMMUNITY WITH VIOLENT SOCIABILITY: THE INSERTION OF NEW DIGITAL EDUCATION TECHNOLOGIES BY GUARANTEE OF THE SCHOOL DAY.

ABSTRACT

Taking the communities with violent sociability in the city of Rio de Janeiro as a panorama, the research described in this article presents the impacts of the impediment of educational rights guaranteed by law to thousands of school children inserted in communities with violent sociability. Prevented from attending face-to-face classes on days of armed confrontation, children have their Curriculum development paralyzed and their school days cut off. Faced with this serious situation, New Digital Technologies are playing a leading role in promoting the Project “Excuse me Violence, I Want to Study!” which proposes an “Emergency Lesson Plan” Model and integrates it with face-to-face and remote classes to manage interaction and communication between the school, teachers, students, and guardians. To this end, E. M. Zilda Nunes da Costa opened its doors to the development of Qualitative Research (Inductive), characterized by a descriptive, exploratory, and ethnographic study. The New Digital Technologies in Education generated a product that met the demand required by the situation experienced by the School Unit, allowing students on days when face-to-face classes were not possible to continue developing the skills present in the Curriculum. And it went further, they allied themselves with the faculty in favor of assertive pedagogical practices for both remote and face-to-face classes. The continuation of studies about the Research will certainly propose new developments, will raise other perspectives, in addition to future investigations that will inexorably contribute to answering the relevant questions that involve the situation of thousands of students belonging to schools inserted in communities with violent sociability.

Keywords: public school; violent sociability; remote teaching; new digital technologies.

LA ESCUELA EN UNA COMUNIDAD CON SOCIABILIDAD VIOLENTA: LA INSERCIÓN DE LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS DIGITALES EN EDUCACIÓN POR GARANTÍA DE LA JORNADA ESCOLAR.

RESUMEN

Tomando como panorama comunidades con sociabilidad violenta en la ciudad de Río de Janeiro, la Investigación presenta los impactos del impedimento de los derechos educativos garantizados por ley a miles de escolares insertos en comunidades con sociabilidad violenta. Impedidos de asistir a clases presenciales en días de enfrentamiento armado, los niños ven paralizado su desarrollo Curricular y cortadas sus jornadas escolares. Ante esta grave situación, las Nuevas Tecnologías Digitales están jugando un papel protagónico impulsando el Proyecto “¡Disculpe la Violencia, Quiero Estudiar!” que propone un Modelo de “Plan de Lección de Emergencia” y lo integra con clases presenciales y remotas para gestionar la interacción y comunicación entre la escuela, maestros, estudiantes y tutores. Con ese fin, E. M. Zilda Nunes da Costa abrió sus puertas al desarrollo de la Investigación Cualitativa (Inductiva), caracterizada por un estudio descriptivo, exploratorio y etnográfico. Las Nuevas Tecnologías Digitales en la Educación generaron un producto que cumplió con la demanda que requería la situación que vivía la Unidad Escolar, permitiendo que los estudiantes en los días en que no era posible las clases presenciales continuaran desarrollando las competencias presentes en

el Currículo. Y fue más allá, se aliaron con la facultad a favor de prácticas pedagógicas asertivas tanto para clases a distancia como presenciales. La continuación de los estudios sobre el tema de la Investigación seguramente propondrá nuevos desarrollos, suscitará otras perspectivas, además de futuras investigaciones que inexorablemente contribuirán a responder las preguntas relevantes que envuelven la situación de miles de estudiantes pertenecientes a escuelas insertas en comunidades con sociabilidad violenta.

Palabras clave: *escuela pública; sociabilidad violenta; enseñanza a distancia ; nuevas tecnologías digitales.*

1 INTRODUÇÃO

As linhas iniciais que tecem o presente artigo mesclam experiências pessoais, bem como profissionais. Ambas as experiências têm como cenário o município do Rio de Janeiro. É comum de quem vive no Rio de Janeiro ler ou ouvir nos noticiários os intensos confrontos armados nas comunidades com sociabilidade violenta. Os grupos criminosos armados que atuam para conquistar o controle territorial na cidade e a tentativa dos agentes de segurança do Estado para conter esses grupos, ocasionam confrontos que interferem na estrutura social da população que vive dentro e nas proximidades dessas comunidades.

As crianças e os jovens ficam sem poder ir à escola, os professores não conseguem chegar e a escola deixa de cumprir o seu papel primordial de promover conhecimentos. Como cumprir as metas da BNCC? O que fazer para assegurar a Educação garantida por Lei para esses alunos e alunas? De que forma mitigar estas questões tão delicadas e, ao mesmo tempo complexas, tecidas nesta realidade de escolas que se situam em territórios favelizados?

Soma-se a esta realidade todo o risco à vida, sendo o problema de maior gravidade neste cenário descrito, entretanto, para além dele, outros inúmeros problemas acometem as UEs. - Unidades Escolares alocadas nessas comunidades específicas. Dentre eles, a suspensão do dia ou consecutivos dias letivos, onde algumas, dada a recorrência dos casos, adotam a prática de contabilizar os dias letivos perdidos em virtude da violência no entorno.

Diante da inquietante situação corriqueira de dispensa das aulas, se fez necessário buscar as possibilidades para a garantia do Currículo e dos dias letivos assegurados por Lei às escolas de Ensino Fundamental da rede pública municipal nas comunidades com sociabilidade violenta no Rio de Janeiro.

A Escola Municipal Zilda Nunes da Costa, situada em comunidade com sociabilidade violenta, foi palco para a Pesquisa do presente artigo. Nela, é comum planejar a prática pedagógica sem a certeza de aplicá-la nos dias estabelecidos, assim como, apresentação de Projetos, conclusão de atividades, ou qualquer ação planejada, com datas determinadas, é constantemente desfeita com o gosto amargo dos tiros, do pânico e da decepção.

Ao pensar nas possibilidades da garantia do Currículo e dos dias letivos assegurados por Lei aos estudantes que estão inseridos nas escolas com entorno violento, mensurasse que as Novas Tecnologias Digitais gerem “produtos” (meios) que possam nortear às ações dessas escolas, de forma a favorecer o Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” projetado pela autora. Esse projeto visiona criar possibilidades pedagógicas nos dias em que os estudantes são impedidos de

frequentarem às aulas presenciais.

As Novas Tecnologias Digitais se referem aos dispositivos eletrônicos e tecnológicos, como computador, internet, tablet, smartphone e qualquer outro dispositivo que permita a navegação na internet (COSTA, 2014). Elas apresentam a informação e diferentes maneiras para interagir e comunicar de forma prática, proporcionando novas possibilidades de aprender em contextos variados (KENSKI, 2003). Revelam-se como construtoras de aprendizagens no desenvolvimento cognitivo humano. (LALUEZA, CRESPO E CAMPS, 2010).

O Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, vislumbrado graças às Novas Tecnologias Digitais, surge do grito sufocado no peito dos envolvidos nesse cenário, que por vezes impede milhares de crianças usufruir o direito de estudar garantido por Leis que definem os direitos e estabelecem os deveres do Estado e da família em assegurar esse direito. É possível imaginar o grito de cada protagonista neste cenário: gestores e professores - “Com Licença Violência, Eu Quero Trabalhar!”; responsáveis – “Com Licença Violência, Meu Filho Precisa Estudar!”; as crianças – “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

A Constituição Federal de 88 embasa o surgimento de outras Leis a fim de assegurar, dentre os direitos da criança, o direito à educação. Como marco legal, atendendo reivindicações de movimentos sociais que por décadas defende a criança e ao adolescente como sujeitos de direitos, surge o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente de 90 assegurando:

A criança e ao adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes: I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 1990).

De Forma a nortear a promoção da política básica nacional da educação a Lei 9.394/96 - LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional dispõe:

A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: I – a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver. (BRASIL, 1996)

Promovido na Escola Municipal Zilda Nunes da Costa, o Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” legitima cada grito sufocado, tornando-se propulsora para movimentos cujas ações minimizem os gritos de outras Unidades Escolares que também vivenciam a triste realidade de impedimento de aula presencial. Esse Projeto prático e eficaz demonstra que é possível fazer algo por essas Unidades Escolares e, ao aliar-se às Novas Tecnologias Digitais, empoderam-se da força necessária para a mudança do quadro onde o impedimento de aulas presenciais provoca Stand by no desenvolvimento das habilidades estabelecidas no Currículo.

Para surpresa dos envolvidos na Pesquisa, a SME - Secretaria Municipal da Educação do Rio de Janeiro publicou a Resolução SME nº 333 que se concentra com o objetivo da Pesquisa, legitimando o Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” e promovendo o respeito entre toda comunidade, desconsiderando os rumores de ser uma pesquisa utópica criada pela mente da autora.

Dispõe sobre tratamento excepcional a ser concedido em caso de comprometimento da frequência presencial dos discentes da Rede Pública Municipal de Ensino residentes em áreas de riscos e/ou que frequentam Unidades

Escolares situadas em áreas de riscos de violência e de situação de conflito armado. (SME, 2022)

Na Resolução há orientações para Unidade escolar em caso de seu fechamento excepcional:

Art. 5 - A Unidade Escolar deverá, quando possível e de acordo com sua realidade local, manter o seu vínculo com os discentes, promovendo as devidas orientações pedagógicas às famílias, aos responsáveis legais e aos próprios discentes, no período da excepcionalidade, utilizando-se dos canais de comunicação disponíveis, como, por exemplo, ligações telefônicas, e-mails, aplicativos, plataformas virtuais, dentre outros. (SME, 2022)

As orientações são específicas para assegurar o dia letivo do discente impedido de frequentar a aula presencial:

Art. 6º. Como forma de compensação aos não comparecimentos presenciais às aulas deverão ser planejados e ofertados, pelos docentes da respectiva Unidade Escolar, planos de estudos e atividades pedagógicas para atendimento aos discentes que se enquadrarem nos casos previstos no Art. 1º desta Resolução. (SME, 2022)

O Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” consiste na elaboração de um Plano de Aula Mãe, denominado na Pesquisa como “Plano de Aula Emergencial” com a intenção de ser divulgado na comunidade escolar em dias de impedimento da aula presencial por conta dos confrontos armados. Previamente planejado, o Plano, é estruturado na escolha de atividades que são acopladas no aplicativo Play Games produzindo aula assíncrona para estudante impedido de frequentar aula presencialmente.

As professoras da Escola Municipal Zilda Nunes da Costa, colaborando com a Pesquisa, experienciaram a construção do “Plano de Aula Emergencial”. Após serem orientadas a escolher uma atividade que concordasse com o plano de aula previamente planejado e de como manusear o Aplicativo Play Games, colocaram literalmente a “mão na massa”, ou seja, no dispositivo tecnológico Smartphone.

Embora as orientações fossem dadas individualmente a cada professor, o seguinte Roteiro Pedagógico possibilitou operacionalizar com autonomia do aplicativo Play Games na construção do “Plano de Aula Emergencial”, como vemos a seguir:

Figura 1- Abrindo o Aplicativo Play Games

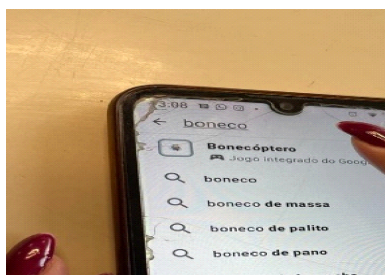


Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.” Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

Poderíamos dizer: E se lance a sorte! Não! Essa imagem representa a certeza de oportunizar a milhares de crianças a darem continuidade ao desenvolvimento de suas

habilidades, a experimentarem uma das diversas formas de acessarem o conhecimento. Ela também representa os anseios que permeiam a construção do planejamento da ação pedagógica. Neste momento, culturas pedagógicas estão em jogo na construção da atividade do “Plano de Aula Emergencial”.

Figura 2- Selecionando Bonecóptero no aplicativo

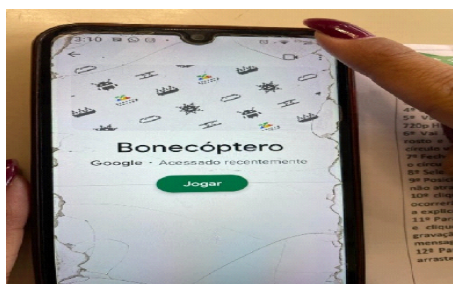


Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.” Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

Como orientado pelo Roteiro Pedagógico, o professor precisa selecionar o jogo Bonecóptero para prosseguir em sua produção. A palavra Bonecóptero é a junção das palavras boneco e helicóptero. Fazendo alusão a essa junção, o boneco - a criança como sujeita de direito e o helicóptero – as Novas Tecnologias Digitais da Educação que permite altos voos para o conhecimento.

“No movimento das hélices das Novas Tecnologias Digitais da Educação, abordo dessa extraordinária máquina, a Prática Pedagógica, transformará a condição do Sujeito/boneco e o conduzirá para além das turbulências da violência que impedem aterrisar no solo fértil do Conhecimento no Aeroporto das Possibilidades.” Alexandra Evangelista (2022).

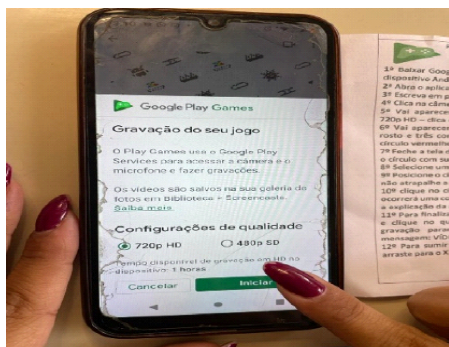
Figura 3- Selecionando a função da câmera



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.” Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

A câmera permite ao professor orientar a atividade com vídeo e áudio. Um recurso muito importante, principalmente para a modalidade de aula remota assíncrona. Na construção da atividade do “Plano de Aula Emergencial”, a gravação em vídeo faz toda a diferença para o aluno que receberá a produção final, pois mesmo não tendo aula presencial poderá ver e ouvir seu professor quantas vezes desejar, mantendo a relação afetiva fortalecida. Como é positivo esse recurso no processo!

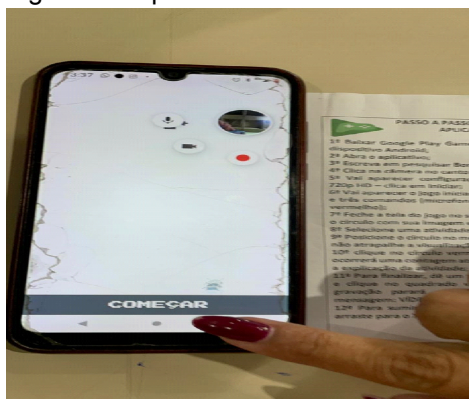
Figura 4- Configurando em 720p HD



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”
Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

É notório que o professor sempre busca o melhor resultado em suas produções pedagógicas. Nesse momento, atento às orientações do Roteiro Pedagógico, a configuração se faz necessária para a qualidade final da imagem. A recomendação é a resolução 720p HD, fundamental para que a imagem tenha alta definição.

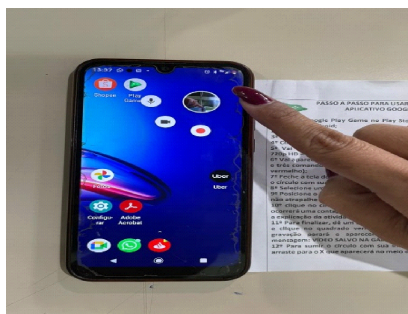
Figura 5 – Aprendendo os comandos do jogo



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”
Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

Nessa tela o professor se depara com os ícones dos comandos - microfone, câmera, gravação. A percepção de estar próximo da finalização na construção do “Plano de aula Emergencial”, traz a confiança de que está no caminho certo. O medo que de certa forma vem pelo desconhecido, se esvai a cada toque e troca de tela. A interação dos comandos do jogo com os comandos do celular acontece para que o professor possa ter a autonomia para fechar e abrir telas. É com esse bailado que as Novas Tecnologias Digitais vão dando possibilidades para que a toda poderosa “Prática Pedagógica” ocupe seu lugar de direito independente do tempo e espaço.

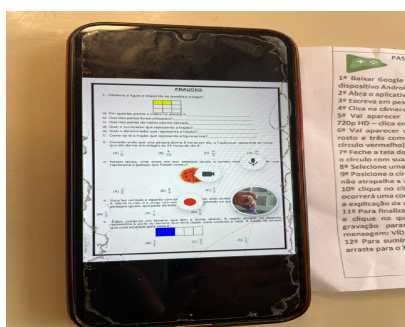
Figura 6 – Demonstração da imagem do professor em tempo real



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.” Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

Mesmo com as trocas ou no abrir /fechar de telas, o círculo com a imagem do professor em tempo real permanece. Nele a criança verá e ouvirá o professor claramente. Familiarizado com a câmera, o professor poderá agir naturalmente como se estivesse em sala de aula, entendendo que do outro lado estará a criança para a promoção da aprendizagem e no momento que ela tiver contato com a produção, se fará presente nas relações sujeito e objeto do conhecimento a afetividade (HENRI WALLON, 1972).

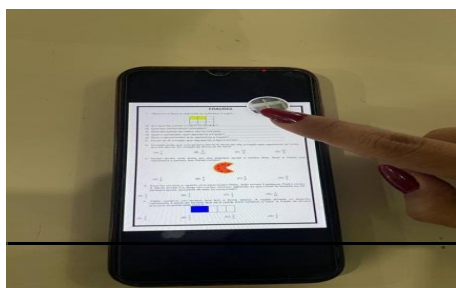
Figura 7 - As habilidades planejadas



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.” Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

As Competências e Habilidades presentes no Currículo norteiam todo o planejamento pedagógico. O professor sabe da importância de selecionar a atividade adequada para atingir os objetivos. Nesse momento, a escolha da atividade para a tela principal deve ser cautelosa, pois deve haver muita atenção pedagógica do professor devido a não saber em quais condições a aprendizagem selecionada será apresentada para essa criança que está sendo impedida da aula presencial. Sendo assim, aspectos importantes na atividade devem ser levados em consideração, como a quantidade de exercícios, a complexidade e a clareza na formatação.

Figura 8 – Ajustando o círculo na tela



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”
Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

O professor compreende que nada poderá atrapalhar a visualização da atividade. Por isso, precisa posicionar o melhor ângulo para ficar o círculo com a sua imagem. Com essa ação, aprende também que é possível deslizar o círculo para qualquer espaço na tela, inclusive no momento da gravação, permitindo utilizá-lo como sinalizador quando estiver orientando a atividade. Pode até parecer uma brincadeirinha de deslizar o círculo de um lado para o outro, mas o que realmente o professor fará é buscar, diante dos recursos disponibilizados no Play Games, minimizar impactos no momento da orientação à criança impedida de aula presencial.

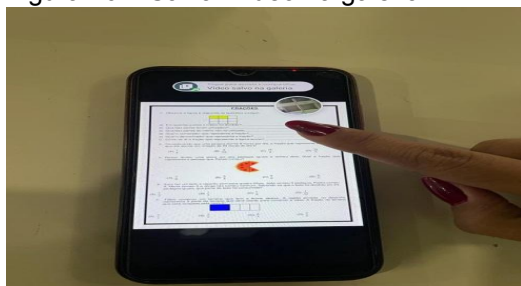
Figura 9 - Contagem decrescente de 3 a 1 para a gravação



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”
Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

Luzes! Câmera! 3! 2! 1! Gravando! Enfim, o momento de o professor protagonizar o importante papel na busca de assegurar direitos às crianças impedidas de terem aula presencial. Cada palavra, cada gesto do professor está impregnado de significado que vai além do ensino-aprendizagem. Simboliza que “no movimento das hélices das Novas Tecnologias Digitais da Educação, a Prática Pedagógica decola com o Sujeito/boneco para além das turbulências da violência e o aterrissa no solo fértil do conhecimento no Aeroporto das Possibilidades.”

Figura 10 – Salvar vídeo na galeria

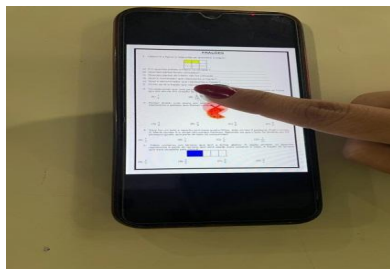


Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.”
Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

Ao executar todas as etapas do Roteiro Pedagógico para a produção da atividade do “Plano de Aula Emergencial”. Chega o momento de finalizar com o apertar do ícone stop. Imediatamente a atividade vai para a galeria do celular. A ansiedade poderá ser

grande para conferir o resultado, pois os medos são superados e a vontade de fazer acontecer será crescente.

Figura 11 - Fechando o aplicativo Play Games



Fonte: Foto da experimentação do professor colaborador 3 na construção do “Plano de Aula Emergencial.” Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

Gravação concluída e vídeo salvo na galeria, chega o momento de fechar o aplicativo Play Games. O professor deverá arrastar o círculo com a sua imagem até o centro do celular onde haverá um grande X em vermelho. Nasceu! A atividade do “Plano de Aula Emergencial” nasceu! O parto foi concluído com êxito. Certamente o sentimento de vitória pairará no ambiente e no semblante do professor alegria, satisfação e gratidão às Novas tecnologias Digitais da Educação.

Ainda que o uso de dispositivo tecnológico permeasse o planejar da prática pedagógica do professor, a insegurança pairou nesse momento de construção num movimento inconsciente de resistência: “Eu não consigo! Não me dou bem com as tecnologias”, “É necessário aparecer? Não gosto de aparecer!” (PROFESSOR COLABORADOR 1 E 3). Por mais que vivenciaram o uso das Novas Tecnologias Digitais como forma de socorro pedagógico, em produções frenéticas de aulas na modalidade Remota, no período nebuloso de Pandemia pela COVID-19, os atos de aprender e ensinar do professor, além de serem carregados de conteúdos, currículos, métodos, didáticas e tecnologias (LIBÂNEO; ALVES, 2019), também são marcados por subjetividades, sentimentos, afecções, percepções, experiências e crenças.

Ainda assim, a experiência com o Aplicativo Play Games na construção do “Plano de Aula Emergencial” possibilitou que o professor percebesse o quanto as Novas Tecnologias Digitais causam positivas e surpreendentes surpresas diante da produção.

Comentário do professor COLABORADOR 2 ao utilizar o aplicativo Play:

“Super fácil manusear o aplicativo Play Games! É facilitador para ser utilizado como ensino-aprendizagem por ter imagem, som e a possibilidade de o professor explicar a atividade. Uma ferramenta a mais para alcançar o aluno em aula remota”.

Figura 12 – Plano de aula emergencial

A worksheet titled "Plano de aula emergencial" with a header section containing fields for "ESCOLA:", "NOME:", and "DATA:". Below this is a section with the instruction "Escreva as letras do alfabeto que vêm antes e depois da letra indicada." followed by a grid of letters: B, E, H, K, N, Q, T, W, and Y. At the bottom left is a small circular photo of a person, and at the bottom right is a logo with the letters "RECITE" and the website "www.todamaterial.com.br".

Fonte: Foto do Plano de Aula Emergencial produzido e ministrado pelo Professor Colaborador 2 para o Projeto “Com licença Violência, Eu Quero Estudar!”. Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

O “Plano de Aula Emergencial” produzido poderá ser apreciado clicando
<https://drive.google.com/file/d/14dDkuu-P7QK4IFe5YxTeozRhgm0mwFEK/view>

Foi muito gratificante ver que se consegue superar as condições inóspitas que muitas vezes confrontam a educação. As palavras da professora são o resultado do afeto, de escolhas técnicas a que nos dedicamos para superar as dificuldades de conduzir as aulas em locais de confronto armado como este no qual se localiza a escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Subseção do Referencial Teórico

Da primeira Favela às escolas dentro delas

A cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX foi submetida a transformações que mexeram significativamente com a vida social de sua população. No início, liderado pelo Prefeito Pereira Passos, a pretensão idealizada seria de uma nova cidade com a estrutura arquitetônica das cidades parisienses, dando-a ar de modernidade e requinte.

Segundo o historiador Milton Teixeira (2017), juntamente a esse movimento de modernização, acontecia o fenômeno de ocupação em um morro na zona central do Rio de Janeiro de ex-soldados combatentes da Guerra de Canudos, formando assim a primeira favela no município, batizada pelos seus moradores por lembrar de onde combateram, de “Favela do Morro”. Mais tarde, conhecida como Morro da Providência até os dias de hoje.

Na mesma velocidade em que a estrutura do município do Rio de Janeiro mudava, ocorria o crescimento desordenado de favelas. Eram totalmente desestruturadas, não havia saneamento básico e eram compostas por pessoas paupérrimas e ex – escravos, sobreviventes às condições subumanas.

[...] viabilizou então o desenvolvimento de sua própria negação, ou seja, a proliferação de um habitat que já vinha timidamente se desenvolvendo na cidade e que, por sua informalidade e falta de controle, simbolizava tudo o que se pretendeu erradicar da cidade. Este habitat foi a favela (ABREU; VAZ, 1991, p. 3).

Despertando a preocupação do poder público devido ao crescimento desordenado das favelas, viu-se a necessidade de educar e “civilizar” os “favelados” no sistema público de educação. Com isso, foram construídos prédios escolares nas favelas ou próximas, para os que até então não tinham acesso à educação formal.

Das estruturas iniciais das escolas públicas até hoje, muitos ideais se passaram e permanecem nelas, levando a serem levantadas várias bandeiras políticas e filosóficas em prol desta peculiar, mas com direitos, comunidade de favelados.

2.1.1 Subseção do Referencial Teórico

A BNCC e a educação de alunos moradores em territórios favelizados

Com caráter normativo, a BNCC – Base Nacional Comum Curricular- define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidos no aluno na Educação Básica (BRASIL, 2017). Estrutura-se em orientações imprescindíveis na educação dos estudantes da rede pública ou privada, norteando o currículo.

O currículo se estrutura como um campo de lutas e relações de poder, na medida em que os conhecimentos ensinados/aprendidos nas escolas “são construções sociais que atendem a determinadas finalidades da educação por isso, reúnem sujeitos em determinados territórios, sustentam e são sustentadas por relações de poder que produzem saberes” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 121).

O compromisso que concerne à escola pública é a de oportunizar condições para sua clientela construir conhecimentos, atitudes e valores, contribuindo na formação de cidadãos críticos, éticos e participativos nos contextos que integram (BRASIL, 2004).

2.1.1.1 Subseção do Referencial Teórico

As Tecnologias Digitais no âmbito da educação em comunidades de sociabilidade violenta

Pesquisas atuais revelam que os jovens do Brasil estão constantemente conectados às redes virtuais, independentemente da classe social da qual faz parte (NOVAES, 2010). Esses dados revelam o quanto as tecnologias digitais têm significativo impacto nas maneiras como o ser humano concebe o mundo, a sociedade e as culturas. Portanto, seu uso no espaço escolar, em suas práticas pedagógicas e no ensino aprendizagem vem sendo recomendado por teóricos que debruçam no assunto.

Nesse sentido, Nonato (2006) atenua que o uso das novas tecnologias na educação emerge a reflexão acerca da renovação das práticas pedagógicas que precisam ter inseridas em seu escopo a diversidade e inclusão.

O aluno ao chegar à escola traz consigo um universo totalmente tecnológico, onde desde os primeiros anos de vida manuseiam aparelhos digitais. Kenski (2007), acrescenta que o uso das tecnologias no âmbito educacional na contemporaneidade:

Abre oportunidades que permitem enriquecer o ambiente de aprendizagem e apresenta-se como um meio de pensar e ver o mundo, utilizando-se de uma nova sensibilidade, através da imagem eletrônica, que envolve um pensar dinâmico, onde tempo, velocidade e movimento passam a ser os novos aliados no processo de aprendizagem, permitindo a educadores e educandos desenvolver seu pensamento, de forma lógica e crítica, sua criatividade por intermédio do despertar da curiosidade, ampliando a capacidade de observação de relacionamento com grupos de trabalho na elaboração de projetos, senso de responsabilidade e coparticipação, atitudes essas que devem ser projetadas desde cedo, inclusive no espaço escolar (KENSKI, 2007, p.45).

As novas tecnologias digitais se constituem como um poderoso recurso no auxílio às atividades educacionais enriquecendo, criando e ampliando as inúmeras possibilidades de ensino. Propor a um aluno utilizar uma plataforma digital, o insere no mundo tecnológico. Entretanto, revela questões estruturais que implicam, também, no desenvolvimento habitual do manejo da tecnologia na instituição escolar, inclusive, às inseridas em comunidades com sociabilidade violenta.

2.1.1.1.1 Subseção do Referencial Teórico

A gestão em escolas inseridas em comunidades de sociabilidade violenta

No Brasil, a formação de gestores está inserida na formação docente dos cursos de Pedagogia. Silveira (2018) aponta que, atualmente, o Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno (CNE/CP) por meio de resoluções complementa a atual LDB 9.394/96. A resolução do CNE/CP 2/2015, em seu artigo 2º, define as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação inicial e continuada ao nível superior de profissionais do magistério para a educação básica. Dentre diversas outras especificidades, esse documento estabelece as áreas em que o docente é “habilitado” a atuar.

Diante das inúmeras atribuições impostas a um gestor, seu dia a dia é composto de grandes desafios e não é nada fácil, sobretudo, quando a escola está inserida em uma área conflagrada pela violência.

Portanto, suas decisões ao longo de suas ações, diante da exigência legal de uma equipe gestora, precisam estar robustas de clareza e consciência, indo além da atuação como docente, como descreve Farias (2018, p. 42/47):

“[...] a equipe gestora precisa ter clareza que assumir um cargo público de responsabilidade por uma instituição perpassa pela obrigação de tomar decisões pautadas em justificativas objetivas, baseadas em dados que corroborem suas escolhas.”

Numa constante sincronização da “gestão de ação e reflexão” (FARIAS, 2018), o gestor atualmente precisa lidar com a diversidade de seu público e a localidade inserida, mediando conflitos ocorrentes dentro e fora da unidade escolar. Embebido numa violência que ultrapassam a gerência do gestor, a sensação de caos estabelecido no entorno da escola, percute e desestabiliza toda harmonia na unidade.

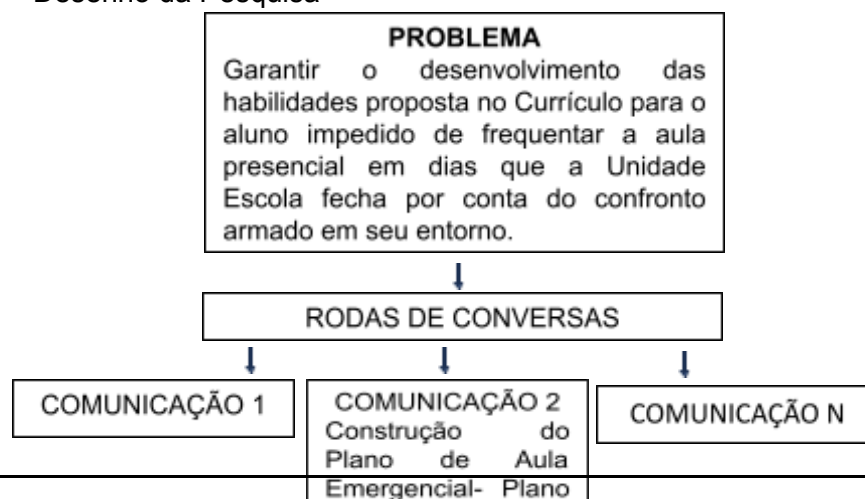
3 METODOLOGIA

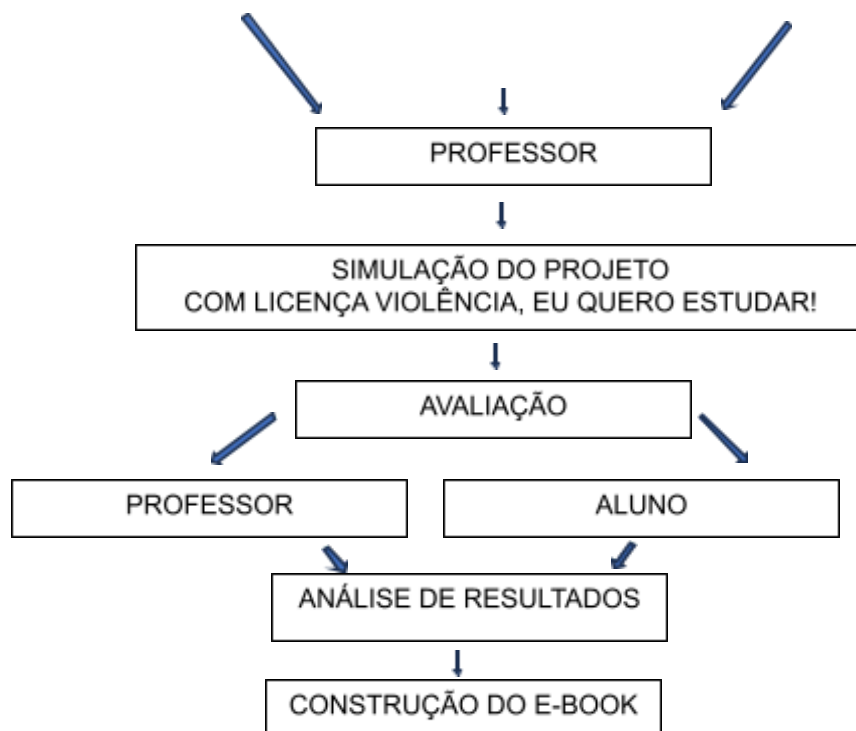
Fundamentada na Pesquisa Qualitativa (Indutivo), a Pesquisa se caracteriza no estudo exploratório, em que visa “proporcionar maior familiaridade com a questão do Problema, com vista a torná-lo explícito ou construir hipóteses.” (GIL, 1987). Porém, também terá características de um estudo descritivo e etnográfico, que possibilitará a descrição da cultura e do comportamento do grupo de indivíduos que formam a comunidade no entorno da escola.

3.1 Subseção

Desenho da Pesquisa

Esquema 1 – Desenho da Pesquisa





Fonte: Próprio autor (2022)

A pesquisa se desenvolveu de forma a conectar o ambiente pedagógico da aula presencial com o ambiente de informação doméstico dos alunos, usando o WhatsApp e o software Play Games.

Nesta dinâmica, foi construído pelos professores, um Plano de Aula sob orientação da autora da pesquisa representando assim, o “Plano de Aula Emergencial” para ser usado na simulação de uma interrupção da aula, dando início ao Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar”.

Neste contexto os alunos entregaram aos responsáveis o RCLE e o TALE, pois, apesar de todos integrarem e participarem do Plano de Aula Emergencial, somente foram contabilizados na pesquisa aqueles alunos cujos responsáveis autorizaram a participação.

O desenho da pesquisa pressupôs o uso do WhatsApp e do software Play Games, a partir das seguintes diretivas de projeto: formação de grupo no WhatsApp para a turma envolvida na pesquisa e tutorial direcionada ao professor, do software Play Games para promover o correto uso e aplicação.

O “Plano de Aula Emergencial” disponibilizado no software Play Games, permitirá ao aluno ao mesmo tempo, visualizar as atividades propostas, ver e ouvir as explicações gravadas pelo seu professor. O produto gerado com a utilização do software será a gravação do vídeo contendo ao fundo a atividade proposta, mais a voz e a imagem do professor aparecendo num pequeno círculo que se move por toda tela.

O vídeo produzido no software Play Games foi postado no grupo de WhatsApp da turma para que o aluno possa realizar a atividade do “Plano de Aula Emergencial”, mesmo que de forma remota assíncrona, mas com certa interação de seu professor.

A coleta de dados neste ambiente remoto doméstico de aulas se deu da seguinte forma:

- Diálogo com a turma em relação a apropriação do uso do WhatsApp para acessar as atividades do “Plano de Aula Emergencial” e da estrutura que o software Play Game propõe à atividade assíncrona;
- Observação, por parte dos professores, das atividades que compõe o “Plano de Aula Emergencial” respondidas pelos alunos, com objetivo de verificar o comportamento na realização da atividade, dentre outras questões, a clareza, grau de dificuldades;
- Avaliação Diagnóstica das habilidades propostas nas atividades do “Plano de Aula Emergencial”;
- Avaliação do Projeto “Com Licença Violência, Eu quero Estudar” pelos alunos.

Os alunos que não possuíam os Termos assinados de consentimento de participação na Pesquisa participaram da atividade, mas não foram contabilizados nos resultados da pesquisa. A avaliação foi um Roteiro de 4-5 perguntas onde os alunos foram convidados a responder e que foram posteriormente categorizados, analisados e apresentados no capítulo dos Resultados.

3.1.1 Subseção da Subseção da Metodologia

Fases da Metodologia

Fase 1 – Rodada de Conversas com os professores, visando ouvi-los sobre a experiência do modelo de aula remota adotado na educação. Nas Rodadas de Conversas com os professores da escola pode-se ter a percepção das dificuldades e sucessos de aprendizado de seus alunos em turmas com aula de forma remota;

Fase 2– Implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar” , onde foi aplicado de forma remota e assíncrona através das Novas Tecnologia Digitais, o “Plano de Aula Emergencial”, resultante das contribuições dos professores nas Rodas de Conversas da fase

Fase 3 – Aplicação do Modelo do Plano de Aula Emergencial – Mãe – Coletando e registrando os dados obtidos na participação dos alunos na aula remota;

Fase 4 – Avaliação Diagnóstica das atividades propostas no Plano de Aula emergencial pelo professor;

Fase 5 – Avaliação do Modelo de Plano de Aula Emergencial pelos alunos;

Fase 6 – Construção do E-Book contendo a metodologia usada na construção do Modelo de Aula Emergencial.

3.1.1.1 Subseção da Subseção da Metodologia

Abordagens técnicas, instrumentos e aplicativos

O método orienta a coleta de dados, guiando a respeito da abordagem técnica, instrumentos e aplicativos que foram usados na execução das fases da metodologia proposta na pesquisa.

Na fase 1 - o método empregado para coletar as informações foi a Roda de Conversas de forma presencial com os professores.

Nessa fase:

- Os professores entenderam sobre a Pesquisa e o Modelo de Plano de Aula Emergencial esboçado pela autora. Num método de abordagem técnica coletiva que incorporar as vivências, experiências e ideias dos professores participantes da Roda de Conversas. Esta abordagem coletiva permitirá que o esboço do Modelo do Plano de Aula Emergencial

se torne científico, saindo do senso comum, que guarda sempre a experiência de caráter pessoal da autora;

- Foi desenvolvido um Roteiro Interativo de Perguntas que guiou o diálogo com os professores participantes.

Na fase 2 a partir da Roda de Conversas, houve o pontapé inicial para o desenvolvimento do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar” com a construção do Modelo de Aula Emergencial – MÃE – o “Plano de Aula Emergencial”. A Aula Emergencial aconteceu de forma assíncrona. Nessa etapa, os professores foram orientados a utilizarem o software Play Games para a construção do Plano.

Na Fase 3 se deu a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar”. O Plano de Aula Emergencial entrou em ação de forma remota, disponibilizado aos alunos pelo grupo da turma no aplicativo WhatsApp previamente formado pelo professor. A “Aula Emergencial” proposta foi uma simulação combinada com o professor que se dispôs a coordenar o evento simulado, coletando e registrando os dados obtidos pela participação dos alunos.

Na Fase 4 os alunos cujos responsáveis assinaram o RCLE, ao retornarem à sala de aula, foram submetidos a uma avaliação diagnóstica, por meio da correção das atividades propostas, ora coletiva, ora individual para perceber os avanços nas habilidades desenvolvidas, fechando assim, o ciclo do dia em que não se pode ter aula por conta do confronto armado no entorno da escola.

Na Fase 5 foi o momento de escuta ativa dos alunos. Em sala, o professor, promoveu a Avaliação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar” em toda sua estrutura pela perspectiva dos alunos. Essa avaliação se deu através de um Roteiro de Perguntas.

Na Fase 6 foi construído o E-Book contendo a metodologia usada na construção do Modelo de Aula Emergencial. O E-book é uma tecnologia digital e se encontra no Repositório de Dados Proximal do Mestrado Profissional do Centro Universitário Unicarioca, onde pode ser consultado por outros professores e pesquisadores que se proponham a usar o Modelo, multiplicando este conhecimento.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” consiste na parte prática da Pesquisa propondo a análise e discussão. Para tal, o feedback dos professores, alunos, alunas e responsáveis apresenta uma avaliação satisfatória sobre a implementação do Projeto. Em relação aos professores, através de questionário, foi constatado que após a implementação, que todos os docentes continuavam com a opinião positiva sobre a Pesquisa. Um deles justificou a resposta escrevendo: “dessa maneira não expõe a criança ao perigo do tiroteio, assegura de certa forma a aula e fortalece a interação entre a Unidade Escolar e a família, já que, geralmente, o celular é do responsável.”; em relação aos alunos, na roda de conversa, demonstraram conforto em utilizar a modalidade de aula remota. Como relataram: “Foi tranquilo!”.

A roda de conversa não foi apenas a única forma de feedback dado por eles. Na turma 1.501 foi aplicado um questionário para compor a análise da avaliação.

Figura 13 - Questionário Avaliativo – a experiência com o Projeto

OII! SOU ASSISTENTE DA
MESTRANDA ALEXANDRA EVANGELISTA.
ELA ESTÁ FAZENDO UMA PESQUISA
EM SUA ESCOLA PARA ASSEGURAR
AULA REMOTA QUANDO
NÃO PODER TER AULA PRESENCIAL.

QUAL O SEU NOME? Pedro Lopes Martins

1) VOCÊ RECEBEU A ATIVIDADE PARA FAZER EM CASA QUANDO A ESCOLA
NÃO PODE ABRIR POR CONTA DA OPERAÇÃO? ☒ SIM () NÃO

2) FOI FÁCIL ACESSAR A ATIVIDADE? ☒ SIM () NÃO

3) QUEM TE MOSTROU A ATIVIDADE? ☒ MÃE () PAI () TIA
() VIZINHO () PRIMO () COLEGA ☒ SEU PRÓPRIO CELULAR

4) VOCÊ FEZ A ATIVIDADE? ☒ SIM. PORQUE ☒ A ATIVIDADE É FÁCIL.
() FOI POUCA ATIVIDADE.
() FOI OBRIGADO A FAZER.

5) VOCÊ FEZ A ATIVIDADE? () NÃO. PORQUE () A ATIVIDADE É DIFÍCIL.
() FOI MUITA ATIVIDADE
() NEM SABIA QUE TINHA ATIVIDADE.

FINALIZAMOS!
OBRIGADO PELA ATENÇÃO.

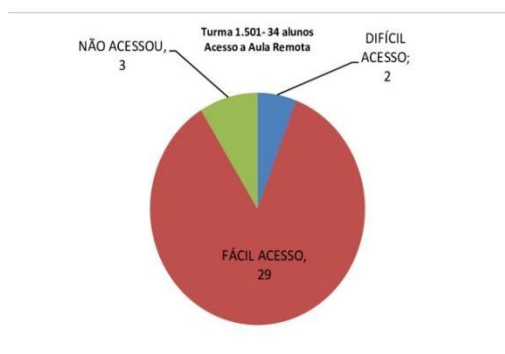
Fonte: Formulário de perguntas registrada por um aluno do 5º ano participante, como forma de avaliação e análise do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”. Produzida na E.M. Zilda Nunes da Costa (2022).

4.1 Subseção

Torna-se gratificante constatar que numa turma com 34 alunos, 31 deram retorno das atividades. O questionário, dentre outras descobertas, proporcionou entender como os alunos receberam a atividade e a participação dos responsáveis.

Os gráficos a seguir, refletem as devolutivas da implementação do Projeto:

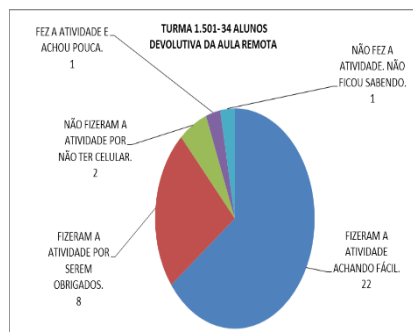
Gráfico 1 - acesso dos alunos do 5º ano na Aula Remota do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”



Fonte: Próprio autor (2022).

Analisar um gráfico demonstrando que numa turma com 34 alunos, 29 acessaram com facilidade a aula remota, é de imensa alegria pedagógica. Esse gráfico aponta vários questionamentos: o acesso à internet está se ampliando? O WhatsApp se configura na forma mais ampla de divulgação para o estudante? A comunidade onde está inserida E.M. Zilda Nunes da Costa tem amplo acesso à internet? Essas respostas até precisam de mais pesquisas. Entretanto, a implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” responde positivamente sobre o poder das Novas Tecnologias Digitais da Educação na escola e para além de seus muros.

Gráfico 2 - devolutiva da atividade da aula remota pelos alunos do 5º ano, na implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.

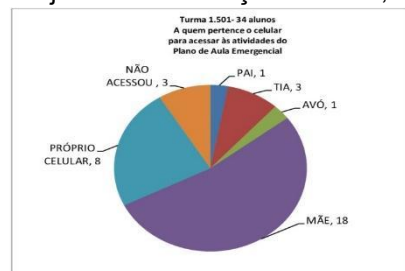


Fonte: Próprio autor (2022).

Neste gráfico observa-se quantos alunos conseguiram concluir a atividade proposta no Projeto destacando a facilidade. Sem dúvidas, "a prática pedagógica a bordo da extraordinária máquina das novas Tecnologias Digitais da Educação, conduziu o sujeito/boneco para além das turbulências da violência e o fez aterrissar no solo fértil do conhecimento no Aeroporto das Possibilidades." O gozo pedagógico se manifesta a cada análise.

O próximo gráfico demonstra o feedback dos responsáveis em relação à implementação do Projeto:

Gráfico 3 - a devolutiva do dispositivo para a aula remota dos alunos do 5º ano, na implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”.



Fonte: Próprio autor (2022).

Na escolarização, a participação da família no processo de ensino aprendizagem do aluno é imprescindível.

A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar.
(GARCIA, 2006, p. 12)

Percebe-se que na turma do 5º ano a família teve considerável importância para o sucesso da implementação. Trazê-la à responsabilidade do processo, estreitar vínculos por meio do grupo no WhatsApp foram ações fundamentais para o resultado do Projeto. A parceria entre a família e a escola resulta em sucesso em todos os aspectos!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens presentes nesse artigo sobre as “Escolas em comunidade com sociabilidade violenta: a inserção das Novas Tecnologias da Educação pela garantia do dia letivo” aponta o potencial para transformar a realidade onde milhares de alunos e alunas são impedidos de irem à escola para frequentar a aula na forma presencial quando há confrontos entre grupos armados e a segurança do Estado. A educação é um direito inegociável que desperta a todos os envolvidos nesta situação a indignação.

As Novas Tecnologias Digitais estão cada vez mais crescentes na sociedade. Não há como se imaginar sem ela. Utilizá-las na prática pedagógica vai de encontro a inovações que se estabelecem aceleradamente e da indissociabilidade da vida do aluno.

Propor aula remota assíncrona no desenvolvimento do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, associado à prática pedagógica com o aplicativo mais utilizado pela sociedade (WhatsApp), fez toda diferença. O aplicativo WhatsApp caiu no gosto dos brasileiros como forma imediata de comunicação. Tê-lo como divulgador das aulas remotas assíncronas, possibilitou a simpatia dos responsáveis na parceria do Projeto. Quebrou literalmente a repulsa pela complexidade de aulas remotas ofertadas no período da Pandemia pela COVID- 19, onde os responsáveis necessitavam acessar plataformas com nível de complexidade que desestimulava o acesso.

Desta forma, valendo-se da ideia de que os elementos que compõe o desenvolvimento do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!” precisam estar sincronizados para o Projeto prosseguir pela via do sucesso, o aplicativo Play Games entra em cena levando o professor protagonizar a prática pedagógica com um toque todo especial. O aplicativo surge como o diferencial dentre todos os modelos de aula remota visto até o momento. Permitir que o aluno de forma simples veja e ouça seu professor.

Com base nessa organização para a produção e implementação do Projeto “Com Licença Violência, Eu Quero Estudar!”, o professor protagoniza o papel central na produção do Plano de Aula Emergencial - Aula Mãe. Trata-se de uma atividade impregnada de intenções pedagógicas. O cuidado na escolha da atividade perpassa o desenvolvimento das habilidades. Faz-se necessário estar atento na quantidade, na qualidade e na complexidade. O professor precisou se despir dos preconceitos em relação às Novas Tecnologias Digitais, ainda que conscientes ou inconscientes para mergulhar profundamente nesse ambiente das possibilidades. Se fez necessário, trazê-lo à reflexão da importância da Pesquisa; ampará-lo com conhecimentos para ultrapassar os limites do desconhecido, já que, muitos deles não havia tido contato com essa Tecnologia Digital na produção da prática pedagógica; fortalecê-lo para superar os obstáculos do “não sei!” / “não gosto!” / “não consigo!” para obter o lindo produto pedagógico. Não foi fácil para o professor entender que naquela produção o público-alvo - o aluno - já o conhecia e que nada de diferente deveria fazer, a não ser, agir com naturalidade, como faz em sala de aula. Respeitar os limites e o tempo de cada professor trouxe a segurança na produção. Ao assistir à produção final, é de encher a alma de orgulho a esse profissional que não mede esforços. Realmente “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” (FREIRE, 2009)

Os professores da E. M. Zilda Nunes da Costa declararam ao encarar corajosamente a produção do Plano de Aula Emergencial que estão preparados para defender a ação pedagógica do impedimento de sua atuação por conta dos confrontos armados em seu entorno. O grito ecoado nesse momento foi: “Com Licença Violência, Eu Vou Dar Aula!”. Após verem as produções finalizadas um do outro, elogios e mais elogios. A história nesse momento mudou. O profissional passivo diante da triste realidade agora se transformou no profissional ativo, empoderado para as possíveis transformações e

agradecido imensamente às Novas Tecnologias Digitais. A aula remota deixou de ser o “monstro pandêmico”. Ótima notícia para os alunos e toda comunidade escolar!

Percebe-se como pontos altos do Projeto a oportunidade que o professor, o mediador do conhecimento, teve de criar, experimentar, flexibilizar e adaptar o Plano de Aula Emergencial para as necessidades pedagógicas para sua turma e o afinho para garantir o dia letivo, assim como houve nos dias tenebrosos da Pandemia pela COVID-19. Porém, com aulas remotas em que os professores participaram do processo de produção, já que, conhece sua turma, seus alunos, de forma que os alunos se sintam, nesse dia atípico, acolhidos por eles.

Ao considerar essa assertiva, deduz que o grupo pesquisado reconheceu a importância da Pesquisa, que ela veio ao encontro de seus anseios, que sua participação na produção foi importante para o pertencimento no Projeto e as possibilidades de poderosas transformações para a prática pedagógica, haja vista declarem em seus discursos que se surpreenderam com o produto possibilitado pelas Novas Tecnologias Digitais.

Ao apresentar tais reflexões, assinala-se a necessidade permanente de discussões sobre a contribuição das Novas Tecnologias Digitais da Educação nos espaços escolares como provedor de possibilidades para as mais diversas situações vivenciadas nesses espaços e na prática pedagógica. Nesse sentido, os desafios são imensos. Ela precisa ser pensada de maneira que todos os envolvidos na educação busquem de forma contínua e entusiástica, competências técnicas e pedagógicas no uso inteligente das Novas tecnologias Digitais, permitindo que o dia/aula dessas escolas inseridas em comunidades com sociabilidade violenta seja assegurado mesmo em dias que são obrigadas a fechar, deixando por vezes, que o direito de estudar dos alunos não seja mais violado.

A luz dos resultados da Pesquisa apresentada compete-nos enaltecer os envolvidos - a equipe gestora e pedagógica da Unidade Escolar Zilda Nunes da Costa ao colocarem “a mão na massa” e construírem um consistente Plano de Aula Emergencial; aos alunos, alunas e aos responsáveis, que entenderam a importância do Projeto e participaram com toda responsabilidade que exigiu o momento; aos aplicativos WhatsApp e Play Games que fez toda diferença na produção e divulgação do Plano de Aula Emergencial, tais com a toda poderosa Novas Tecnologias Digitais da Educação, objeto deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de; VAZ, Lilian Fessler. **Sobre a origem das favelas**. Trabalho apresentado ao IV Encontro Nacional da ANPUR, Salvador, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 de abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: ["http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0038.pdf"](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0038.pdf) Acesso em: 18 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Caderno 1 - Conselhos Escolares**: democratização da escola e construção da cidadania. Brasília – DF, 2004 Disponível em: [//efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad1.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 29 jun. 2021.

COSTA, S. M.. **A influência dos recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem**. 2014. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares)- Universidade Estadual da Paraíba, Sousa, 2014.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de et al. Pesquisa em rede: **diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento**. Fortaleza: EDUECE, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GARCIA, E. G. Veiga, E.C. e. **Psicopedagogia e a teoria modular da mente**. São José dos Campos: Pulso, 2006.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem Mediada pela Tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003.

KENSKI, V. M.. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

LALUEZA, José Luis; SILVA CAMPS, Isabel Crespo. **As tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**. Curitiba, 18 abr. 2019. Disponível em: http://www.educaremvista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf Acesso em: 28 mar. 2021.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. Novas tecnologias, educação e contemporaneidade. **Práxis Educativa**, v. 1, n. 1, p. 77-86, 2006.

NOVAES, Henrique T.; DIAS, Rafael de B. Construção do marco analítico-conceitual da Tecnologia Social. In: **TECNOLOGIA social: ferramenta para construir outra sociedade**. Campinas, SP: Komedi, 2010.

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução 333**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/4538>. Acesso em: 17 agosto. 2022.

SILVEIRA, Patrícia Aparecida Lopes. **Com a palavra, os professores alfabetizadores:** produção e troca de saberes em um curso de extensão, 2018. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

WALLON, Henri. Prefácio. In: MERANI, A. **A psicologia infantil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.